



 CONGRESSO INTERNACIONAL

**Formação do pedagogo no estágio curricular de ensino fundamental:
aplicação da Pedagogia Ontopsicológica**

Estela Maris Giordani

Universidade Federal de Santa Maria- UFSM

Faculdade Antonio Meneghetti - AMF

estela@pesquisador.cnpq.br

Jaqueline de Gaspari

Universidade Federal de Santa Maria-UFSM

jaqueline.degaspari@gmail.com

Daniele Barros Vargas Furtado

Universidade Federal de Santa Maria-UFSM

dbvfurtado@yahoo.com.br

1 Introdução

Pesquisar a prática da orientação desenvolvida nos estágios curriculares supervisionados em ensino fundamental no curso de pedagogia tem sido nossa prática permanente. Diante das múltiplas possibilidades optamos pela investigação dos elementos que compõe prática da orientação da formação do profissional do pedagogo considerando os três modelos descritos por Torre (2006): a) crescimento pessoal; b) aprendizagem; c) o papel institucional. Nosso objetivo foi desenvolver e ao mesmo tempo estudar nossa prática

nos utilizando da pedagogia ontopsicológica (MENEGETTI, 2006) para estabelecer uma relação de complementaridade e ao mesmo tempo de novidade entre os três modelos, justamente porque acrescenta a chave da leitura da dimensão inconsciente do ser humano.

Utilizando das possibilidades metódicas dessa pedagogia foi possível compreender como os mecanismos inconscientes presenciam e interferem no processo de formação (momentos da orientação dos estágios em anos iniciais do ensino fundamental e nas práticas das acadêmicas) considerando o crescimento pessoal, de aprendizagem e institucional. As experiências de aplicação prática dos modelos foram investigadas e ao mesmo tempo desenvolvidas, utilizando a investigação-ação durante a orientação dos estágios curriculares supervisionados em anos iniciais de uma IFES do sul do país. Participaram da pesquisa alunas do 8º semestre do curso de pedagogia sendo que a cada semestre o número de estagiárias correspondeu a 15, totalizando 30 alunas. Os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram: 1) observação participante em reuniões; 2) registros de campo; 3) depoimentos e 4) diários das acadêmicas. Concluímos que os modelos explicitados por Torre (2006) são as mesmas dimensões da prática pedagógica de Libâneo (1986): saber, saber ser e saber fazer. Tivemos a oportunidade não apenas de tratar da problemática da pesquisa, mas também de experimentar a aplicabilidade da pedagogia Ontopsicológica no processo de orientação dos estágios em anos iniciais do ensino fundamental.

2 Os estágios e a Pedagogia Ontopsicológica

A investigação realizada durante a disciplina de Prática de Ensino em Anos Iniciais do Ensino Fundamental optamos em estudar a experiência vivida por meio da pesquisa-ação – metodologia eminentemente qualitativa. Neste trabalho, tomamos o lugar do formador que se posiciona como coadjuvante deste processo e olha de modo radical para a sua função. A postura que adotamos foi de entrar na raiz dos acontecimentos para nos testar, desafiar e promover um olhar destacado, rigoroso e minucioso sobre nossa prática na função de docente orientador e ao mesmo tempo aprendiz. Colocamo-nos ao mesmo tempo na condição de sujeitos estudados e de sujeito que estuda. Exercemos assim o papel de protagonista do próprio processo de formação e também coadjuvante no processo de formação de outras pessoas, pedagogas em formação e das crianças dos anos iniciais do

ensino fundamental. A experiência e a investigação ocorreram simultaneamente uma vez que entramos na lógica do processo de formação do professor orientador, do pedagogo aprendiz e da criança dos anos iniciais.

O professor não pode exercer a função formativa se também não se tornar um aprendiz. Contudo, “O professor vê-se obrigado a mudar os outros, nunca a si mesmo [...]”. Ensinando os símbolos através dos quais passa a gestão da existência, esquece a verificação de si mesmo” (MENEGETTI, 1994, p. 161). É compreendido como aprendiz, significa que, para entrar nesta lógica pedagógica deve primeiramente mudar a si mesmo, compreender-se como aprendiz e ingressar no campo das aprendizagens e de como elas se processam. O primeiro lugar da aprendizagem é o sujeito, por consequência deve verificar a si e os seus significados, sua teoria e suas práticas, verificar se possui congruência entre o que comunica e o que aplica.

Na prática da orientação, o professor pode exigir ou ainda tem a possibilidade de auxiliar a formação do seu aluno quando aquilo que exige e aquilo que forma seja uma prática na vida profissional dele. Esta metodologia de investigação permite ao orientador fazer os nexos entre a sua teoria e a sua prática, testar as suas concepções, percepções e as novidades que busca implementar.

É nesta direção que propomos esta pesquisa, ou seja, investigamos nossa prática de orientação e nossa tentativa de colocar em prática uma novidade no campo da pedagogia ao mesmo tempo em que buscamos conciliar os modelos de tutoria apresentados por Torre (2006). Em seus estudos relativos ao orientador de estágio e a sua prática educativa, a autora sustenta que são três os modelos existentes da “tutoria”. Para a autora, o primeiro deles é baseado no modelo do crescimento pessoal, o segundo na aprendizagem e o terceiro é o papel da orientação. As três modalidades apresentadas por Torre (2006) encontram em Libâneo (1986) uma leitura diferenciada, dialética, pois o autor considera que o saber, saber ser e saber fazer é o conteúdo da ação pedagógica do orientador. As três dimensões devem estar articuladas dialeticamente na prática docente, contudo deveríamos experimentar esta prática nos processos de orientação.

Esta experiência de trabalhar estes três modelos conjuntamente demandou que utilizássemos uma perspectiva de pedagogia interdisciplinar e dialética (partindo do real concreto, da práxis e de suas contradições). Escolhemos a pedagogia ontopsicológica

porque poderia ser uma boa oportunidade para encontrar novas metodologias de práticas de formação que buscasse considerar os três modelos em seus aspectos fundamentais mas que, não se limitasse a algum deles.

Por pedagogia ontopsicológica “compreende-se a arte de coadjuvar o indivíduo a realização” (MENEGETTI, 2007, p. 8) ou ainda “[...] a arte de formar o homem-pessoa na função social”, ou seja, “como extrair o *homo-civis* do potencial indivíduo humano: qual humanismo cívico desenvolver para o homem” (2006, p. 180). A metódica da pedagogia ontopsicológica segue em direção a construção do sentido de pedagogia, que pode ser compreendido como uma arte, ou seja, uma técnica que está a serviço do desenvolvimento integral dos valores humanos seja da pessoa quanto do contexto sócio-ambiental do qual fazemos parte. A finalidade última é a realização existencial integral do potencial humano. Esta é uma metódica utilizada de modo transversal e em concomitância aos já existentes conhecimentos e metodologias da pedagogia. A novidade é que acrescenta um critério elementar que é o projeto vital de cada ser humano, como realizar o projeto vital no contexto da pessoa e considera as descobertas específicas da ciência ontopsicológica que, descobre como funciona a arquitetura do inconsciente humano e como fazer pedagogia considerando a compreensão deste.

Do resultado das interações nas aulas de orientação dos estágios das pedagogas aprendizes, por meio das observações participantes, registros de campo, depoimentos das acadêmicas e anotações reflexivas nos cadernos das acadêmicas houveram manifestações as quais selecionamos alguns depoimentos e relatos representativos do pensamento coletivo das estagiárias. Estes nos permitiram sintetizar que, no que diz respeito ao modelo de formação baseado no modelo do crescimento pessoal, percebemos que, diante da nova experiência do estágio as estagiárias manifestam dois sentimentos: a) medo e insegurança em relação à nova experiência porque tiveram pouca oportunidade de experimentações práticas ao longo do curso e, b) ansiedade que veio conciliado de uma expectativa de fazer tudo certo. Por sua vez, no campo de estágio os problemas maiores foram em como trabalhar com crianças que manifestavam comportamentos agressivos e as suas dificuldades de aprendizagem que vinham associadas. Ora se juntarmos estas duas situações: de um lado os sentimentos de medo e insegurança do estagiário e de outro, o comportamento dos alunos, o quadro pode se tornar bem difícil de ser enfrentado pelo acadêmico.

A grande preocupação de chegar ao último semestre do curso é o estágio e tudo que a palavra estágio pode trazer consigo. Esse é um momento que envolve muitas dúvidas, muitas inseguranças, muitos anseios por acertar e fazer um bom estágio. Medo de não ser uma boa professora ou não saber dar aula. Junto à insegurança de pela primeira vez assumir uma turma de crianças ávidas por aprender, vem também o receio de quem será a orientadora de estágio e como aconteceram as orientações. Aí começam aquelas dúvidas que ficam uma noite inteira na cabeça e não deixam você dormir: será que a orientadora vai gostar dos meus planejamentos, será que ela vai 'ferrar' comigo, vai falar que estou errada na frente das outras estagiárias, será que ela vai ter tempo de orientar todo mundo, como é que vou falar das minhas inseguranças na frente das colegas? E assim, muitas e muitas outras preocupações, que podem te deixar completamente doida se você não se controlar. Mas então, chegou o dia da primeira orientação de estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e depois veio a segunda orientação, e o bicho de sete cabeças e oito patas que estava nascendo, simplesmente se transforma em um animalzinho fofo e peludo, que você não tem vontade de largar e mal espera chegar a próxima semana para vê-lo novamente. (Relatório de Estágio, E1)

Não obstante os problemas levantados, as alunas, aprendizes pedagogas, desenvolvem uma hiper expectativa de que tudo o que pensam para a prática pedagógica é derivada do “dever ser da teoria”, embora possuem consciência de que esta não fornece receitas e sim princípios. Contudo, pode se tornar para elas uma espécie de “bicho de sete cabeças”, uma imagem mistificada de uma realidade que não consegue ser identificada e traduzida pelo aluno na situação de experimentação. Abraham (1987) sustenta que essa imagem é presente no grupo de professores, trata-se de um “esquema mental” que é sustentada por uma intencionalidade que possui forças afetivas. “Estas fuerzas que parecen caóticas, involuntárias, inevitables, adquieren una cohesión se se las considera reacciones o atitudes básicas ante las ansiedades primarias” (p. 17). Esta imagem é de identificação que a pesquisadora encontrou no trabalho de 10 anos de investigação durante os programas de formação de professores que objetivavam revelar o mundo interior, ou o inconsciente do profissional professor. Nos parece que esta imagem também está presente desde o início da constituição profissional, ou seja, já no momento de estágio. Porque?

Observamos durante as interações nas aulas de orientação que esta imagem de identificação construída pelas acadêmicas estava sintetizada na idéia de “sou pedagoga, logo sei fazer tudo certo” como “capazes de enfrentar todo e qualquer tipo de problema pedagógico porque afinal de contas está se formando e deve demonstrar por meio do estágio que é capaz de exercer sua profissão”

Frabboni (2007) levanta o problema, quando compreendemos a criança, com que chave de leitura a fazemos? Com a leitura institucionalizada, ou seja, da visão da escola, da família, da sociedade? E, quando tentamos compreender-nos na função de profissionais da

educação, não será que fazemos da mesma forma? Conforme Abraham (1987) e Meneghetti (2006) já utilizamos os códigos de entendimentos culturais e esquecemos de compreender que o ser humano é um projeto da inteligência da vida que se faz no percurso histórico. Seria compreender a criança como “fenomenologia do espírito em acontecimento histórico”. Contudo, não ingressamos no universo da compreensão da essência real desse ser humano indivíduo (pertencente a um grupo) e pessoa (do latim, conforme Meneghetti, *per se esse* – ser por si mesmo).

Estes problemas pedagógicos nos levam a refletir acerca da necessidade da pedagogia em entrar na escola da vida, na escola das essências, das reais necessidades humanas para compreender quem é o ser humano em sua integralidade e assim revisar os pressupostos sobre os quais a pedagogia opera. De fato, o principal elemento ausente é a pessoa, seja do educador que da criança. Ao desconsiderar a interioridade e os mecanismos de defesa que se interpõe nos processos de aprendizagem dos alunos em situações de estágio e dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental significaria construir uma prática pedagógica sem a dimensão humana.

Para Meneghetti (2007) um dos principais problemas é que ao se desconsiderar o potencial humano, tanto do professor, quanto do aluno, já se estaria operando mecanismos que levam a substituição da força e da coragem do jovem aprendiz de professor e da criança em aprender de modo direto no impacto com real. A pedagogia assistencial não resolve os problemas, porque desacredita e subtrai da criança e do professor sua força para nascer e desenvolver-se (como pessoa, no caso da criança e, como profissional no caso do jovem professor). “A criança é uma força incandescente se é preservada em si mesma: a natureza a constituiu vencedora, é preciso esperá-la, compreendê-la e jamais substituí-la, jamais protegê-la de si mesma” (p. 207).

Substancialmente, para a pedagogia ontopsicológica é fundamental compreender o tipo de relação que o orientador estabelece com o pedagogo em formação e que este estabelece com o aluno de anos iniciais. Conforme Meneghetti (2006) a modalidade de interação é substancial e impossível de ser eliminada pois ela sempre ocorre nas relações da vida humana. O problema é saber se a relação está a serviço da implementação da finalidade da pedagogia que é conduzir a pessoa à realização de seu potencial intrínseco e

natural ou não. Portanto, quando falamos de processo pedagógico sempre nos referimos a uma relação de díade¹, ou evolutiva ou ainda regressiva.

A orientação dos anos iniciais transformou-se em um momento de encontro, descontração e aprendizado. Um lugar onde você sentia-se bem em estar e poder compartilhar todas as situações vivenciadas na sala de aula, trocar dúvidas e reconhecer no problema da colega o seu, encontrando assim uma solução comum. Todas as inquietações que estavam me tirando o sono passaram; deram lugar a um novo aprendizado, o de que quando se divide um problema, ele se torna menor para resolver. Todas as terças-feiras nós, as estagiárias, nos encontrávamos com a orientadora na sua sala, no período da noite, que em comum acordo foi decidido como sendo o melhor. Lá encontrávamos um clima acolhedor, sempre podíamos contar com um chimarrão, e de reencontro, pois é comum no estágio sentirmo-nos mais sozinhas, pois não vemos mais as colegas com tanta frequência, não vivenciamos mais os mesmos ambientes e, na hora da orientação isso acontecia. (Depoimento E2)

Foi com a ajuda das aulas de orientação para o estágio onde desabafava e trocava experiências com as colegas e a professora orientadora que aos poucos aquela angústia foi dando lugar a segurança, as incertezas viravam certezas, algumas carências do curso iam sendo supridas e, num piscar de olhos a carga horária de sala de aula havia acabado e deixado um gostinho de quero mais. (Relatório E9)

As dificuldades que inicialmente o pedagogo tem para ensinar ou conduzir sua prática no ensino fundamental podem estar correlacionadas com o estilo de díade que prevalece na relação pedagógica e que modo de pensar e agir sustenta. O estilo de díade, segundo Meneghetti (2006) é resultante das aprendizagens adquiridas ou internalizadas pelo sujeito que compõe o seu universo consciente e inconsciente. “O eco-ambiente, ou modelo eco-ambiente que mantém a criança, fornece as categorias comportamentais de consciência, cultura e costume. Substancialmente, a família que se encontra nesse contexto, ensina [...] sobretudo, os modos de comportamentos da *consciência*” (MENEGHETTI, 2007, p. 183). Estas são voluntariedades existentes que o sujeito é portador contudo, não necessariamente conscientes e dominadas pelas condutas de seus processos de tomada de decisões durante suas experiências de aluno do curso de pedagogia e professor em formação no campo de estágio. Não apenas a consciência do professor orientador, mas da estagiária e do aluno dos anos iniciais deve ser revisada. Considerar os avanços da pedagogia ontopsicológica possibilita ao professor tutor ou orientador de estágio, desenvolver um trabalho mais profundo de formação profissional do pedagogo pois

¹ Conforme Meneghetti (2012, p. 73) “A díade é uma realidade ineliminável na existência humana. Toda a vida é díade, é o movimento, o proceder da vida. Toda realidade é tal e existe enquanto estabelecida por uma relação. Díade significa: *movimento a dois no qual o movente não pode agir sem o coincidente heteromovente.*”

concilia modelos de orientação distintos em suportes fundamentais e instrumentos complementares em sua prática profissional de orientador.

O que as acadêmicas notaram em relação à essa experiência? Elas relatam que:

Acho que uma coisa bem legal, foi a senhora nos dar a possibilidade de errar, não que nós não fossemos errar, mas acredito que nos deixou mais calmas. Quero dizer, estávamos confiando que a senhora não ia nos tirar nota. Por exemplo, aquele medo de que se você fizer uma coisa errada e a orientadora vai te ferrar não existiu, pois tínhamos confiança na senhora, de que apesar de já estar assumindo como professoras, ainda éramos alunas e estávamos aprendendo. Acho que isso fez com que ousássemos mais nos nossos planejamentos, propomos coisas que talvez não faríamos pelo medo de não dar certo. Mas como sabíamos que se não desse certo poderíamos tentar de novo, de outra maneira, nós tentamos, nos experimentamos como professoras. (E1)

Deste modo, percebemos que a confiança no potencial da capacidade inteligente das pedagogas aprendizes foi o fundamental quando se tratou de colocar em prática o modelo de orientação humana. Rogers (2000), estudando os critérios pelos quais podemos formar ou ainda selecionar os professores a exercer cargos educativos chega a conclusão que o elemento da pessoa do educador é o eixo fundamental, mas não qualquer pessoa, “uma pessoa verdadeira”. Não nega e nem exclui as demais aprendizagens ou critérios necessários, contudo,

Pensar em soluções para as dificuldades e problemas relatados pelas colegas parece mais fácil do que solucionar meus próprios problemas, ver o problema de fora da situação o deixa mais simples. Mas o ponto chave de tudo isso é que muitas vezes percebia algumas de minhas dificuldades no relato de colegas, e aos poucos de acordo com as discussões que fazíamos e as ideais que trocávamos com todas as mentes focadas em resolver uma situação, não era somente o problema da colega que era resolvido, mas o meu também. (Relatório E20)

Tendo como fundamento confiar, apostar na construção da “pessoa verdadeira” do futuro pedagogo, podemos perceber, que na seqüência do relato da acadêmica, essa foi a condição para a elaboração das próprias aprendizagens, que é o foco do modelo de orientação centrado na aprendizagem. Portanto, o orientador preocupa-se em estabelecer todas as aprendizagens que compõe seu saber fazer profissional. Neste caso, além dos conhecimentos gerais deve desenvolver aprendizagens sobre o conteúdo a ser trabalhado e sobre as estratégias de ensinagem (ANASTASIOU e ALVES, 2007).

Poder compartilhar com todas as estagiarias o momento de orientação não foi muito bom somente para resolvermos problemas, também foi muito relevante a troca de idéias e sugestões de atividades ou de como se comportar em sala de aula. Ouvindo o relato de algo de que foi significativo para uma colega me ajuda a pensar em como poderia fazer o mesmo com a minha turma. Por exemplo, estava em dúvida como faria para que meus alunos fixassem a grafia correta das palavras e, ouvindo a colega contar que estava trabalhando com o dicionário na sua turma, me fez ter a idéia de como criar um dicionário com os meus alunos, fazer o dicionário do primeiro ano,

onde consegui explorar mil e uma idéias mais. Outro exemplo de troca de conhecimento e experiência foi quando contei que estava modificando a maneira de escrever a data na minha turma, pois estes haviam decorado uma forma tradicional de data e nem ao menos sabiam o que estavam copiando. Diversificando o modo de escrever a data os fazia aprender novas palavras aumentando seu vocabulário escrito e percebi que minha idéia também ajudou e deu certo na turma de uma outra colega.(Relatório E27)

Quanto ao reconhecimento das letras, ou seja, saber que letra é o “A”, como se faz sua grafia, desenvolvi na primeira semana um trabalho com colagem de bolinhas de papel no contorno das letras do alfabeto, após as crianças com os olhos fechados deverias passar o dedo sobre as bolinhas e identificá-las. Mas o que mais ajudou as crianças nesta questão foi o ditado da data. Ao invés de passá-la no quadro para a cópia de forma mecânica, comecei a ditar letra por letra, nas primeiras vezes eu ditava dava um tempo para pensarem e escreverem sozinhos e depois mostrava para os demais colegas com dificuldade a letra no alfabetário que havia em cima do quadro. Depois não mostrava, mas relacionava com a figura que representava a letra no alfabetário, por exemplo, “D” de dado, e a criança tinha que procurar por conta própria. Ao final do estágio quase toda turma escrevia a data através do ditado sem relacioná-la com o alfabetário e outras já escreviam antes de eu dita-la. A data era registrada no caderno de varias maneiras, copiando do quadro, ditada por mim, ditada pelas crianças. Algumas vezes escrevíamos só o dia o mês e o ano, outro dia escrevíamos também o dia da semana, a cidade, o ajudante, etc. (Relatório E24)

Desta forma, as aprendizagens das crianças acompanhavam as aprendizagens das estagiárias, por isso, podemos perceber que havia aprendizagens para ambas, enquanto a estagiária experimentava ou testava maneiras diversas de ensinar a criança testava modos diversos de aprender. O importante, é que a pessoa da criança e a pessoa da estagiária possuíam o espaço necessário para fazer suas próprias descobertas e principalmente a descobrir qual é o modo pelo qual conseguia aprender mais e/ou melhor. Nos parece que neste sentido, estamos diante de outra novidade pedagógica, ou seja, como conciliar em sala de aula aprendizagens diversas, respeitando as individualidades das crianças mas considerando atividades coletivas. A chave de toda compreensão parte da pessoa humana que aprende em um contexto no qual se confia em seu potencial mas é ao mesmo tempo desafiada a desenvolvê-lo de modo responsável.

E, por fim, o terceiro modelo segundo Torre (2006) é o papel da orientação na formação considerando os aspectos institucionais e do currículo. Na prática da orientação, seguimos a pedagogia ontopsicológica, como fizemos para seguir? Em primeiro lugar seguimos o método em seus passos sendo que inicialmente se faz o diagnóstico. Em seguida, buscava-se compreender o problema, por meio do diálogo, ou ainda, método maiêutico, juntamente com as acadêmicas. Era o momento de explorar as idéias, de pensar, de focar o olhar para o estagiário, o professor regente, o campo de estágio, a sua formação,

as suas aprendizagens. Buscávamos entrar no todo do acontecimento e de como a pessoa (o seu aluno e/ou ela mesma) internalizou as aprendizagens, que significados gerou e como age perante o contexto, possui um problema no aprender ou tem uma capacidade de constante aprendizagens? Utilizamos sempre o critério: esse entendimento e ações propiciam mais aprendizagens para as pessoas ou não? E, essas aprendizagens, desenvolvem o todo da pessoa ou não? Neste sentido identificávamos juntamente com o grupo os mecanismos de defesa do ego e fazendo este exercício o inconsciente se revelava à consciência. A tomada de consciência sempre era permitida no contexto grupal que não julgava, ao contrário, acolhia e permitia “delatar” os elementos que eram encontrados não apenas pelo porta-voz daquela situação, mas a mesma era também vivida pelos outros membros do grupo que, percebiam que o mesmo acontecia com eles, contudo em outras situações que porém, remetiam as mesmas como se fosse um modelo de grupo operativo.

Enfim, acredito que o mais importante nas orientações foi à possibilidade de admitir o erro e em conjunto encontrar a solução, assim como contar o acerto que servia de espelho para uma nova experiência. (Relatório E1)

O que aprendemos com ele? Que, se a didática é constituída pelo tripé professor, o aluno e matéria é fundamental nos perguntar o que entendemos por professor e aluno? Nós trabalhamos com a concepção da pedagogia ontopsicológica que considera o ser profissional uma pessoa, um ser humano e por isso, dotado de uma capacidade inteligente (significa, conforme Meneghetti, ter a capacidade de ler dentro da ação, de estabelecer o contato com o percurso das essências dos acontecimentos, entrar no mundo da vida). Desta forma, para nós a matéria constitui-se nas quatro aprendizagens contidas no relatório da UNESCO (DELORS et al, 2001) como aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser.

Dentre as aprendizagens, buscamos sintetizar em alguns tópicos que foram derivados das reflexões das acadêmicas:

Com as orientações aprendi mais do que ser professora, aprendi o que é ser professora. Finalmente compreendi a imensidão da responsabilidade que terei daqui pra frente. Aprendi mais sobre como formular objetivos, conheci um pouco mais sobre a história e etimologia da palavra Pedagogia e Pedagogo. Compreendi o quão importante e gratificante é ser uma Pedagoga, conduzir as crianças ao conhecimento, à descoberta, fazer a criança se entender como ser humano, fazê-la desenvolver seus dons e potencialidades, fazê-las se perceber, entender quem ela é, se conhecer. Enfim, ser Pedagoga é uma arte e o mais importante é estar bem e ser feliz: tudo vai ir bem se você estiver bem. Ter prazer em estar em sala de aula, ir achando o meu jeitinho, ir achando a minha cara de dar aula, ser eu mesma como professora, achar a minha identidade como professora. Ser feliz!

Observou-se resultados positivos do ponto de vista da solução dos problemas encontrados na experiência dos acadêmicos no estágio, do processo formativo incorporando a lógica da pedagogia na prática docente e principalmente da orientadora de estágio que enquanto atuava na orientação das alunas modificava sua prática docente na formação do pedagogo. Os elementos encontrados neste texto, apesar de não serem considerados definitivos, proporcionam um novo olhar na formação do pedagogo.

Referências

- ABRAHAM, A. **El modo interior de los enseñantes**. Barcelona: Gedisa, 1987.
- ANASTASIOU, L. G e ALVES, L. P. (orgs). **Processos de ensinagem na universidade**. 7 ed. Joinville: UNIVILLE, 2007.
- DELORS J. et al. **Educação um tesouro a descobrir**. 5 ed. Brasília MEC/UNESCO: Cortez, 2001.
- FRABBONI, F. **Manuale di didattica generale**. 9 ed. Roma: Laterza, 2007.
- LIBANEO, J. C. **Democratização da escola pública**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1986.
- MENEGHETTI, A. **Pedagogia contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade do futuro**. Conferência desenvolvida em Paris em 13 de junho de 2007 na sede da UNESCO/ONU. Academia Internacional de Informatização (AII), Associação Internacional de Ontopsicologia, Universidade Estatal de São Petersburgo (RU), UNESCO/ONU, 2007.
- MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro, Psicológica Editrice, 2006.
- MENEGHETTI, A. **XIV Congresso Internacional de Ontopsicologia**. Roma, Psicológica Editrice, 1995.
- MENEGHETTI, A. **Sistema e personalità**. Roma: Psicologica Editrice, 1994.
- ROGERS, C. Docente, quien eres? Imagines, actitudes, nudos e ilusiones. La educacion una actividad personal. In: ABRAHAM, A. (compiladora). **El enseñante es también una persona: conflictos y tensiones en el trabajo docente**. Barcelona: Gedisa, 2000.
- TORRE, E. M. **Il tutor: teorie e pratiche educative**. Roma: Carocci, 2006.